

EPISTOLAS AOS SAUDOSISTAS

I



Deixando de lado os devaneios secundarios e adjacentes, três pontos de vista na saudade importaria esclarecer, atinentes ao prestimo possivel que ela tivesse para vós outros:

- 1.º Que é realmente a saudade;
- 2.º Que representou ela nas nossas letras;
- 3.º Que poderia ela representar hoje.

Como não sejam os longos dizeres os adequados a leves temas, telegraficamente me explicarei sobre cada um destes três pontos.

A saudade contém, como todo o estado de consciencia, um elemento representativo e um elemento volicional. Mas não são esses que caracterizam a saudade; o que caracteriza a saudade é um certo quê de sentimento. Porisso Garrett, o poeta, a definiu bem, e Duarte Nunes, o jurista, a definiu mal...

(Não perdeis nada, ó neo-lusos, abandonando este papá, que Cristovão de Moura comprou para seu amo Filipe II.)

O Saudosismo porêem sustenta que a verdadeira definição não é a de Garrett, mas sim a do jurista: "lembrança de alguma coisa com desejo dela"; e Pascoais propõe esta: "a velha lembrança gerando o novo desejo."

Ora, repito que sendo a saudade uma nuança de sentimento, muito bem a definiram Garrett e D. Francisco Manuel em termos de sentimento,—e que foi maravilha de espantar que Duarte Nunes e Pascoais se lembrassem de a definir em termos de vontade e representação. O resultado é que estes definiram, não a saudade, não uma característica humana, quanto mais portuguesa, mas um rude factio geral de toda a animalidade. Exemplificando:

Um sujeito vê um dia um cão e bate-lhe. O cão foge, desmoralizado pelo inesperado do ataque. Decorridos dias o nosso homem passa outra vez pelo cão, sem dar por ele. Ao cão vem-lhe um desejo naturalissimo de sentir a carne do agressôr comprimida entre os seus caninos e... zás, estão daí vocês a vêr a scena. Que se passara na consciencia do animal? Nada de extraordinario: uma velha lembrança gerando um novo desejo:—a saudade (definição de Pascoais.)

Suponha-se agora o dono do cão a comêr uma iguaria nova, e ao lado dele o seu cachorro. O dono estende-lhe um pedaço, e o focinho duvidoso aproxima-se, fareja, estende a dentuça, mastiga

incerto, engole. Gostou. Passam-se dias. O cão vê o dono a comêr o tal petisco, e logo se aproxima, de ventá ávida. Que foi? A lembrança de uma coisa com o desejo dela,—a saudade (definição de Duarte Nunes.)

Na vossa obra ha coisas bellissimas,—mas não são as *saudosistas*. O *saudosismo* representa, se me permitem a franqueza, uma idea artificial e convencional da literatura. O que vale em arte é o que sai espontaneamente do temperamento do artista e das circunstancias da sua vida...

Houve com efeito muita saudade na literatura portuguesa; mas teve ella suas causas nas condições sociais dos idos tempos. Assentemos isso: tinha a sua razão de ser em condições que já passaram. Vocês teimam em resuscitar o que não tem hoje condições de vida, obcecados pela idea absurda de que certa maneira de certa epoca é uma maneira absoluta, a que nos teremos de sujeitar *per omnia secula seculorum*.

A saudade não era, como agora, premeditada; não foi um programma literario, uma combinação entre poetas, um *mot d'ordre*, uma mania, uma taboleta, um artificio. Não houve mote decretado, para que os discipulos obedientemente e uniformemente glosassem. Repito que teve, meus amigos, suas causas sociais, as quaes hoje já não existem.

Ninguem havia previamente combinado escrever assim. A saudade foi resultante de *verdadeiros* apartamentos.

Uns arrastavam-se pelas Indias, "escuro cáos de confusão": umas Indias infinitamente mais reinotas do que as de hoje, não só porque o espirito europeu as não tinha penetrado, mas tambem porque a tornada era um desejo extremamente vago e longinquo, uma travessia muito longa, cheia de perigos e de incertezas...

Para outros era o apartamento amoroso sem saír de Portugal: apartamento resultante das condições sociais daquela epoca. Repito e trepito, porque não é de mais repeti-lo. Os reis Dons Manueis casaram as *Aonias* aos *Filenos*, deixando o poeta a ver navios, e com as saudades correlativas; as Marias Brandões eram internadas nos Conventos e obrigadas a casar com quem o papá lhes arbitrava. Estes duros casos bem reais impuseram o assunto aos Bernardins. Havia a *autoridade absoluta*, politica ou familiar, que vinha lançar entre os amantes os Luises da Silva e Peros Gatos...

Mas vocês juraram agora fabricar a saudade artificialmente, sem os ingredientes necessarios: sem o rei absoluto e o pai tirano, sem o Convento e sem o Gato. E' impossivel, meus santinhos, é absurdo. A culpa não é minha, nem dos meus colegas estrangeirados: não fomos nós que destruimos essas coisas pavorosas. "A humanidade avança", diz um dos Cardiais do snr. Dantas. E' pena, é,—mas que querem vocês que lhes eu faça?

O cristão-novo por seu turno era um desterrado na propria terra, quando o não era em terra alheia, como Judas Abarbanel. Membro de uma sociedade cuja maioria o odiava, comprimido,

abafado pela desconfiança e má vontade, vivia na mais falsa e angustiosa das situações morais, com a lusitanante Inquisição a cubiçá-lo, ávida de uma fogueira *purificadora* por via de um naco de toicinho que o desgraçado não comesse...

Modernamente um Herculano escreveu versos que inspiraram o *Desterrado*, de Soares dos Reis. Mas ha duas circumstancias que peço licença para lembrar: Herculano poetou realmente no exilio; Soares dos Reis esculpiu na Italia o *Desterrado*, e foram ambos, pelas circumstancias da sua vida, solitarios.

Porém vocês, meus amigos, criaturas alegres e sociáveis; pacatamente instalados na patria amada, donde ninguem vos tira e onde vos amam todos; felicissimamente casados com as eleitas das vossas almas, ou em vias de matrimonio sem estorvos de maior; vocês, proprietarios uns, professores ou filhos-familias outros, vivendo todos uma vida sem grandes lutas nem paixões,—de que raio teem saudades vocês todos, santo Deus?

Dizem que o saudosismo está de acordo com o espirito contemporâneo. Essa pretensão, como todas as do saudosismo, é precisamente o contrario da verdade. Não poderia ser o desacordo mais perfeito, nem o absurdo mais sensível.

A afirmação característica e fundamental do espirito contemporaneo é o mobilismo, o avanço, a tendencia para diante, o desejo da acção e da vida ascensional. O pensar do nosso tempo concebe essencialmente a vida como uma marcha para o novo, e mesmo, não raro, como uma carga de cavalaria. Ora a saudade é o contrario de tudo isso: immobilismo, inercia, contemplação do passado, amor de cristalisar ou munificar o que já foi...

A saudade não fica definida pela "lembrança de uma coisa com o desejo dela", como quer o Duarte Nunns; ha um certo *quid* sentimental que torna essa lembrança em saudade; mas,—como já disse,—a saudade contém como elemento representativo-volitivo essa lembrança de uma coisa com o correspondente desejo dela,—e por consequencia, o desejo do passado.

Quem é que vive principalmente na saudade? Os velhos, e os desgraçados a quem a morte levou uma pessoa muito querida. Ora, em ambos esses casos se nota, acompanhando sempre a saudade,—o horror do novo, o odio ao movimento, um protesto contra a lei da mobilidade e do dever. Para o velho só merecem estimação as coisas do seu tempo,—a juventude do seu tempo, os costumes do seu tempo, as cantôras do seu tempo. Toda a variação foi uma queda, e todo o mobilismo o indispõe. A' mãe que vive na saudade do filho morto quantas vezes lhe ouvimos nós, mostrando-nos um quarto ou gabinete:—"*Está tudo exactamente como ele deixou. Não consenti que se movesse uma pena!*"

Se a Camões lhe perguntasseis o que a saudade lhe pedia, ele decerto vos dissera que *fixar*, indefinidamente, o seu encontro com Natércia.

Por estes exemplos se vê claro como a saudade contém,

essencialmente, a repugnancia á variação e a negação do mobilismo. A saudade é por isso um gosto amargo, como muito bem afirmou Garrett: o gosto do passado e a amargura da mudança.

Poderia haver maior contradição com todas as tendencias sociais, filosoficas e religiosas do nosso tempo?

II

O nosso querido Poeta e chefe do Saudosismo, entre as afirmações da sua enciclica sobre o *espírito lusitano*, não se esqueceu de dar o dogma que serve de base a todos os outros:

“Nós somos, na verdade, o unico povo que pode dizer que na sua lingua existe uma palavra intraduzivel nos outros idiomas, a qual encerra todo o sentido da sua alma colectiva. A alma lusitana concentrou-se numa só palavra, e nela existe e vive, como na pequena gota de orvalho a imagem do sol imenso. Sim: a palavra saudade é intraduzivel. O unico povo que sente a Saudade é o povo português, incluindo talvez o galego, porque a Galiza é um bocado de Portugal sob as patas do leão de Castela...”

Ora ahí está, meus amigos: só o povo português sente a saudade, e só o povo português tem para ela uma palavra, palavra magica de que brota a sciencia, a filosofia, a religião... Note-se: as definitivas, verdadeiras, absolutas...

O dogma do privilegio exclusivo da palavra é muito velho; o do privilegio exclusivo do sentimento, claro está, é novissimo. Novissimo e naturalissimo. Como poderia um lusitano do seculo XX conceber que se pudesse ser estrangeiro e sentir saudades? Creio mesmo que somos demasiado generosos em conceber que se possa ser estrangeiro. Como é que diabo se pode ser estrangeiro? Como é que diabo se pode sêr, já não digo persa, mas francês, inglês ou italiano?

Seja como fôr, evidentemente um homem que diz *moonlight* por *luar*, jamais poderá sentir saudades.

Antes de agora se converter em dogma, a crença na palavra exclusiva já vinha de D. Duarte até Garrett.

“A palavra saudade,—escreveu este, por mil oitocentos e vinte e tantos—é porventura o mais doce expressivo e delicado termo da nossa lingua. A idea, o sentimento por ele representado, certo que em todos os paises o sentem; mas que haja vocabulo especial para o designar, não sei de outra nenhuma linguagem senão da portuguesa...”

Em mil oitocentos e vinte e tantos, Garrett claro está que não julgava o sentimento da saudade exclusivamente português. Para Garrett o estrangeiro existia, e era gente. Mas julgava ainda só português a palavra. Em 1913 certamente não creia uma cousa nem outra. De 1825 a 1913 o universo caminhou,—por muito contrario que isso seja aos sentimentos do saudosismo.

Ainda eu não era nascido já o filologo Manuel de Melo refutára decisivamente o futuro dogma da palavra magica.

Com efeito, muito ao contrario do que Pascoais afirma, a palavra saudade é traduzível. Varias nações a representam por um termo especial: o galego tem *soledades, soedades, saudades*; o catalão, *anyoransa, anyoramento*; o italiano, *desio, disio*; o rumeno, *doru*, ou *dor*; o sueco, *saknad*; o dinamarquês, *Savn*; e o islandês, *saknaor*...

Eles, porém, menos iluminados que nós outros, apesar de terem Ibsens, Ardigos, Höffdings, não se lembraram de construir a filosofia definitiva e suprema do *anyoransismo*, do *desiismo*, do *doruismo*, do *saknadismo*, do *savnismo*, do *saknaorismo*... Saknaorismo é catita! Meus queridos amigos, meus confrades, meus irmãos da Renascença: é o que vocês são em islandês: *saknaoristas*!

Espero que leiam, meus amigos, as *Notas lexicologicas*, de Manuel de Melo, e por isso me limito a pequeninas citações:

Tratando das *doinas*, canções melancolicas dos rumenos, escreve o rumeno Cratiunesco:

“Le principe de leur inspiration, c'est le *doru*, sentiment qu'il est plus aisé de décrire que de définir. Ce mot semble venir du mot latin *desiderium*, dont il exprime toutes les nuances: le regret d'un bien perdu, le chagrin que cause son absence, l'espérance de le recouvrer, le désir d'un bonheur, que l'on ne connaît point encore et l'ivresse qui en accompagne la possession. Le retour ou la mort d'un ami, la complaisance ou l'infidélité d'une maîtresse, le charme ou la tristesse de la nature, la grandeur ou l'abaissement du pays, excitent dans les coeurs roumains ce sentiment étrange, à la fois doux et cruel, et que souvent la mort seule éteint. C'est quand le *doru* le travaille, que le paysan chante ses plaisirs et ses chagrins, ses héros, son histoire: son âme alors est une source intarissable de poésie.” (*)

Na tradução francesa de uma composição do poeta Alecandri, *doru* ou *dor* é vertido por “désir mêlé de regret.”

Passando á Italia, encontramos o disio-saudade por exemplo em Dante, no oitavo canto do *Purgatorio*:

Era già l'ora che volge il disio
Ai naviganti, e intenerisce il cuore
Lo di che han detto ai dolci amici addio;

E che lo nuovo peregrin d'amore
Punge, se ode aquilla di lontano,
Che peja il giorno pianger che si more.

que Fiorentino traduziu desta forma: “C'était déjà l'heure qui réveille les regrets des navigateurs et attendrit leur âme”, etc.

(*) *Le peuple roumain d'après ses chants nationaux*, 2.^{me} éd.. 1874, pg. 64 V. para tudo Manuel de Melo, obra citada.

¿E o galego, que, segundo Pascoais, talvez tenha também a saudade, não poderá reclamar maiores direitos? Pascoais cita A. A. Cortesão, que ensina ter começado a palavra *saudade* a ser empregada, com a grafia de *soidade*, por D. Dinis ou algum dos trovadores do ciclo dionisiano. O testemunho do egregio erudito é antes perigoso para o *saudosismo*, se o compararmos com uma nota da pagina 59 do artigo *De la poesia popular gallega*, publicado na *Romania*, tomo VI, Paris, 1877, por Milá y Fontanals: "Los Portugueses tienen la palabra *saudades* (*soledades* cast.; *anyoransa*, *anyorament* junto com *anyorar* y *anyorarse*, cat., en ciertos casos *regret* fr., y *desiderium* lat.). De esta palabra han usado y abusado los poetas portugueses modernos. La forma GALLEGA *soidade* se halla ya en el rey Deniz."

Se já em 1877 parecia que abusavamos da *saudade*, genuina invenção portuguesa que teria começado a empregar-se debaixo de uma forma não portuguesa,—que diremos hoje, Pai do Céu!

Soledades, *soedade*, *saudades*, *soidás*, ocorrem vulgarmente nos poetas da Galiza. Repetirei aqui dois exemplos:

Digoch' este adios chorando
 Desc' á vaiiriña do mar.
 Non m'olvides queridiña,
 Si morro de *soidás*...
 Tantas legoas mar adentro.

Ela honesta está escoitando,
 Mais con suspiros responde,
 Qu'aló guarda non sei donde
Saudades de non sei cando.

(ROSALIA CASTRO. *Cantares galegos*).

Vamos agora ao catalão. Das formas citadas a primeira ocorre na *Cansó del siti* de Frederich Soler:

Yá 'm migrava la anyoransa;
 Ya girona, en mitz sod dol,
 Non tenia mas consol
 Que 'l consol de venjansa.

Da forma *anyorament* dá exemplo a ode *A' lingua catalã* de Marte y Folguesa:

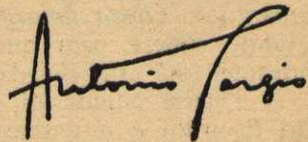
¡Y qu'es dols allá enreza del mar, en llunyras terras,
 pe'l catalã que's troba ferit *d'anyorament*,
 sentir' la veu amiga que ampena nostras serras
 pogué' parlá' una estona sens traduhir l'accent!

E que mais? As proprias gentes do norte, parentes dos homens do *moonlight*, lá teem também a sua saudade. E' o que nos ensina George Marsh, nas *Lectures on the English Language*, publicadas por W. Smith, 5.^a edição, 1868, pg. 55, nuns incidentes dizeres que assim traduzo:

“A palavra portuguesa saudade, que exprime um affectuoso, pesaroso aneio (an affectionate, regretful longing) por um objecto amado perdido ou ausente, tem sido julgada por portugueses como peculiar á sua propria lingua, e como não tendo equivalente em nenhum outro idioma europeu. No entanto ocorre uma palavra similar com o mesmo sentido geral, e muitas vezes com a mesma precisa significação, em islandês, sueco e dinamarquês, nas respectivas formas *saknaor*, *saknad* e *Savn.*”

Concluo pois de tudo isto que não ha motivo para desesperar de que os bárbaros estrangeiros atinjam a nossa civilização. Pelo menos os italianos, os suecos, os norueguêses e os dinamarquêses. Eles teem a saudade, teem a palavra correlativa; eles produziram ultimamente Ardigos, Mossos, Ferreros, Ferris, Garofalos, Teslas, Lucianis, Marconis, Lombrosos, Croces, Ibsens, Bjoernsons, Brandes, Nobels, Strindbergs, Hoeffdings, e outros espiritos que, sem grande exagero, podemos considerar civilizados. Não desanimar, caramba! Não desanimar! Com mais algum esforço chegarão ao *saudosismo*.

E' o que do coração lhes deseja o vosso



A HORA DA PRECE

A Vila Moura

Cale-se a voz do mar, durmam as ondas mansas,
Tombem as velas no convês da nau veleira...
Nasça o luar beijando o berço das creanças,
Venha a noite embalar, materna, a terra inteira...

—Vento, pára o corcel, apeia-te! (Descanças
Vendo os astros florir...) O' alva amendoeira,
Noiva,—penteia ao luar tuas nevadas tranças...
(Parece dia, dia claro, á tua beira...)

Astros do ceu—florí,—olhos que o luar desmaia,
Astros, lirios do ceu!... E a noite perfumai-a
De misterio e de Alem... (Cala-se ao longe o Mar...)

“Terra de Portugal...” E ponho as mãos... E' a hora
Das orações... “O' ceu na terra, ó meu Sol fóra!
Patria do Mar, jardim, horto florído, altar!”

